

TECENDO SONHOS – CURSINHO PRÉ-ENEM DE EDUCAÇÃO POPULAR DO CAMPO EM ESPERA FELIZ: AGROECOLOGIA, ACESSO, PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE E EMANCIPAÇÃO SOCIAL

Ramon da Silva Teixeira¹

Leandro de Souza Lopes²

RESUMO: O Curso de Educação Popular Pré-Enem, em Espera Feliz-MG, conhecido como “Tecendo Sonhos”, tem sido uma experiência importante referindo-se ao acesso e permanência na universidade baseada na educação agroecológica. O mesmo envolve os jovens das zonas rurais e tem como objetivo promover ações que valorizem os saberes populares e trabalhem a autoestima de estudantes filhos(as) de agricultores(as) rurais de modo que se reconheçam enquanto sujeitos históricos capazes de transformar suas realidades, de valoriza-los e ressignificar o papel dos mesmos. Através da análise do conteúdo, o presente trabalho tem como objetivo apontar os principais princípios metodológicos da experiência que dialogam com a agroecologia, sobretudo, no tocante à autonomia, organização para a mudança e participação nas decisões. Com a nossa experiência, nós queremos mostrar que o desenvolvimento rural sustentável exige um tratamento mais equitativo a todos os atores envolvidos – especialmente em termos das oportunidades a eles estendidas, no nosso caso, às populações rurais mais jovens.

Palavras-chave: Educação do Campo; Diálogo de saberes; Emancipação social; Acesso e permanência; Agroecologia.

ABSTRACT: The Pre-Enem Popular Education Course in Espera Feliz-MG, called "Weaving Dreams", has been an important experience referring to the access and permanency in university based on agroecological education. It involves youths in rural zones with goals of valorization of the popular knowledge and the enhancement of self-confidence of farmers descendants. By that way, youths can recognize themselves as historical stakeholders able to transform their realities, valorize their own knowledge and understand a new role in society. Using the content analysis, this study has the main objective of pointing out methodologies tied to Agroecology, primarily related to autonomy, organization for change and participatory decision-making. This experience aims to show that sustainable rural development requires an equitable treatment for all stakeholders involved - in our case, youths of the rural population.

¹ Licenciado em Letras pela Fundação Fafile de Carangola/UEMG. Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa. Contato: ramonteixeira@hotmail.com.

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa. Contato: leandrosouzalopes@hotmail.com.

Keywords: Rural Education; Knowledge dialogue; Social emancipation; Access and permanence; Agroecology.

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1990 intensificam-se os impactos causados pelo modelo de desenvolvimento econômico do campo que acentuam as desigualdades sociais em escala regional e nacional. A tecnificação e a ampliação das monoculturas agroexportadoras afetou diretamente a organização sócio-espacial do campo, tencionando as relações entre campo e cidade. Para os que tinham condições de se manterem no campo, restou-lhes lutar para permanecer em suas propriedades, já que o governo marginalizava a agricultura familiar, priorizando a agricultura que atende às expectativas do agronegócio. Além de marginalizados(as) pelo governo, os(as) agricultores(as) familiares eram e ainda são estereotipados(as) pela sociedade, como fracos(as) e atrasados(as).

Apesar disso esses sujeitos têm resistido fortemente, buscando formas de organização para se manterem no campo. No entanto, ainda encontram diversas dificuldades haja vista que as representações sobre o campo são produzidas a partir da lógica da cidade. E se tratando de educação e acesso ao ensino superior – um direito dos(as) trabalhadores(as) rurais –, essa lógica, que há muito persiste, gera exclusões: quem se encontra fora dos parâmetros estabelecidos não se vê contemplado(a), porque

Os vestibulares estão baseados no que os cursinhos caros fornecem para quem pode pagar. Esse vestibular é desonesto, ele não pode se basear no que os cursinhos caros oferecem, **tem que se basear em outros saberes** (PEREIRA et. al, 2010, p.86). Grifo nosso.

Atualmente a realidade é diferente. Várias Instituições de Educação Superior adotaram o Enem em detrimento do vestibular, sem falar da existência das políticas de inclusão do governo federal. Entretanto, ainda se faz necessário um projeto de educação que contribua para a realidade do campo tornando-se cada vez mais fundamental para a construção de conhecimentos que tenham lugar nos saberes do espaço rural, que valorizem as perspectivas

do campo em diálogo com os saberes do espaço urbano. No fortalecimento dessa comunicação estão incluídos projetos e programas de “extensão” universitária que, por meio da troca e da valorização dos diferentes saberes, objetivam construir de algum modo a transformação da realidade de exclusão e exploração de muitos brasileiros.

Pois,

Para Boaventura (2005) um dos principais passos a ser dado pelas universidades no século XXI seria a universalidade, ou seja, a garantia do acesso da população comum aos conhecimentos universitários, com o devido reconhecimento de seus próprios saberes. Para tanto, o conhecimento produzido pela universidade deveria ser democratizado tanto no desenvolvimento de parcerias entre universidade e a escola pública no domínio pedagógico e científico, como no ingresso e permanência de ingressantes de classes trabalhadoras e de grupos que sofrem discriminações raciais, étnicas e socioeconômicas. (SANTOS *apud* LOURES et. al, 2011, p.10).

CONTEXTO

O Município de Espera Feliz – MG está situado na Mesorregião da Mata e Rio Doce e na Microrregião da Vertente Ocidental do Caparaó. Com área de 325 Km², limita-se ao norte pelos municípios de Alto Caparaó e Caparaó, ao sul pelos de Carangola e Caiana, a leste pelos de Dores do Rio Preto – ES e a oeste pelo de Divino. No município de Espera Feliz a população rural compreende aproximadamente 45% do total de habitantes, sendo a população de aproximadamente 21.000 (vinte e um mil) habitantes, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano. Entre a população rural, a maioria é de agricultores(as) familiares, tendo uma participação importante na economia do município. No período de 1991-2000, a população de Espera Feliz teve uma taxa média de crescimento anual de 0,57, passando de 19.543 em 1991 para 20.528 em 2000. A taxa de urbanização cresceu 34,80, passando de 40,69% em 1991 para 54,86% em 2000.

O nível educacional da população jovem entre 15 e 17 anos do município variou de 27,5% em 1991 para 44,3% em 2000 frequentando a escola. Analisando a faixa etária de 18 a 24 anos, confere-se que em 1991, 87,8% dos jovens apresentam menos de 8 anos de estudo, diminuindo para

66,7% em 2000, segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil. Estes indicadores apesar de demonstrarem uma melhora no período entre 1991 e 2000, ainda são preocupantes, como indicadores insatisfatórios.

Tendo em vista esses dados preocupantes referentes à escolaridade dos jovens e ao êxodo rural, desde 2008 vem sendo realizado como solução viável para o problema o Cursinho Pré-Enem [antes, Pré-Vestibular] de Educação Popular do Campo em Espera Feliz-MG, conhecido como Tecendo Sonhos, projeto de extensão do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (Pibex) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Um trabalho desenvolvido junto com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais na Agricultura Familiar (Sintraf) do município supramencionado em parceria com os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Caina-MG e Caparaó-MG, o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata mineira (CTA-ZM); o Programa de Extensão Universitária TEIA³; a UFV (Pibex); a Associação Intermunicipal Naturalista dos Terapeutas Populares de Espera Feliz (TERAVIDA); a Pastoral da Juventude Rural (PJR) e a Cooperativa de Produção da Agricultura Familiar Solidária de Espera Feliz (COOFELIZ). Para tanto, há ainda o envolvimento de educadores(as) da região em questão, estudantes da UFV, que participam de projetos de extensão e estudantes filhos e filhas de agricultores e agricultoras familiares vinculados(as) ao Sintraf.

O Tecendo Sonhos constitui-se um pré-Enem em alternância⁴ que visa a facilitar o acesso de jovens do meio rural à Universidade Pública (SANTOS, 2005), bem como sua formação integral, buscando, através de ações entrelaçadas num processo de troca de conhecimento, trabalhar conteúdos referentes ao vestibular,

³ O Programa Teia/UFV, em ação desde 2005, se propõe a gerar interação entre Projetos de Extensão a partir da utilização de ações integradoras e de intensa participação popular. Com foco na necessária interligação extensão-ensino-pesquisa procura a investigação-ação e a interdisciplinaridade através de metodologias participativas e densa dialogicidade. Assim, se fortalecem os vínculos entre universidade e sociedade propiciadores de uma ecologia de saberes que se diferencia dos clássicos difusionismo, assistencialismo e mera prestação de serviços. O mesmo se organiza a partir de Coletivos de Criação organizativos e temáticos (Agroecologia, Saúde, Tecnologias Sociais, Economia Popular Solidária, Educação e Comunicação Populares, Gestão e Sistematização). Esses Coletivos, a partir da interação e demandas dos Projetos envolvidos, promovem ações com base em excursões pedagógicas, avaliação e planejamentos comuns. Consultar: Marcelo Lourdes (2011).

⁴ Os encontros na comunidade acontecem mensalmente, no que se convencionou chamar de módulos e contam com aulas de (quase) todas as disciplinas do ensino básico.

a partir de elementos inerentes ao contexto no qual estão inseridos(as) (FREIRE, 1983).

METODOLOGIA

A pesquisa, por meio de análise de conteúdo, ou seja, por meio de *“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens”* (BARDIN *apud* GOMES, 1994) procura compreender como os(as) estudantes do cursinho pré-enem popular para filhos e filhas de trabalhadores e trabalhadoras rurais, familiares, professores, movimentos sociais e universidade organizam uma proposta de educação popular *do campo e para o campo*, tendo em vista uma proposta que articula os conteúdos propostos pelo Enem ao mesmo tempo em que dá significado aos saberes e as especificidades da vida cotidiana e às suas lutas em diferentes escalas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como cursinho popular que é todo o trabalho desenvolvido no “Tecendo Sonhos” acontece, como analisa Pereira (2010, p.88), *“(...) por meio de um ‘duplo movimento’, onde a preparação para o vestibular [agora ENEM] acontece junto com discussões críticas sobre a realidade social e, até mesmo, sobre o próprio processo seletivo do vestibular”*. O projeto visa justamente desenvolver metodologias que mobilizem meios e instrumentos para que o processo educativo seja realizado na relação educador-educando-comunidade.

As disciplinas são abordadas a partir de *eixos temáticos*. Acredita-se que essa metodologia de relacionar o conteúdo da disciplina a um eixo temático que faça parte do cotidiano do(a) educando(a), propicia um processo de reflexão sobre a realidade e formas de intervir na mesma, buscando não somente a absorção de conteúdo para realização do vestibular. Em um processo que busca ser interdisciplinar e contextual, o(a) estudante passa a ter uma noção mais

qualificada do todo, entendendo-o a partir da complexidade inerente à realidade para além das paredes da sala de aula.

[...] os encontros servem como uma orientação, com relação ao conteúdo. Os encontros são estruturados em eixos temáticos. Por exemplo, esse encontro vai ser sobre habitação, aí todas as disciplinas tentam “casar” os conteúdos com esse tema. A geografia trabalhava os espaços, a história a questão das construções. Mais ou menos nesse sentido da interdisciplinaridade. Então a partir desses estudos a gente direcionava nossos estudos em grupo. (...) e as possíveis dúvidas a gente tirava no próximo encontro (LEANDRO *in* LOURES, 2011, p.11).

Na proposta de discutir formas alternativas de cultivo, a relação com a terra e os próprios hábitos alimentares, levando em conta a procedência dos alimentos, são realizadas visitas às propriedades de agricultores(as) familiares, que há algum tempo vêm trabalhando dentro das relações agroecológicas. Ainda no tocante à alimentação, durante os encontros são privilegiados os princípios da economia popular solidária, onde os(as) próprios(as) educandos(as) ficam incumbidos(as) pelos alimentos que irão ser consumidos nas refeições, que em muitos casos é produzido de forma agroecológica. Nesse sentido, cada um/uma traz o que é produzido junto à família. Além disso, durante os módulos a participação da família dos(as) educandos(as) é fundamental, pois quem contribui para o preparo das refeições no decorrer dos encontros são os familiares dos estudantes. É feito um acordo entre os estudantes que em cada módulo, duas pessoas vão contribuir com o preparo das refeições e conhecer melhor o curso Tecendo Sonhos. A limpeza durante cada encontro é feita pelos(as) próprios(as) educandos(as).

Os(as) educadores(as) que contribuem no projeto são de Espera Feliz ou municípios vizinhos, estudantes de graduação ou já graduados(as). Não há remuneração pelas aulas e se procura fazer um trabalho junto aos/as educadores(as) para que suas práticas não fiquem entendidas apenas como voluntarismo, desta forma são convidados(as) a participarem de espaços de formação, onde se procura aprofundar os estudos sobre a educação popular, para que de forma coletiva os mesmos compreendam o que representa politicamente um curso pré-vestibular nestes moldes.

Os(as) educandos(as) buscam se organizar em grupos de estudo, levando em consideração a proximidade entre estes como, por exemplo, morar na mesma comunidade. O que almeja potencializar encontros para estudos e discussões nos intervalos entre um módulo e o outro, tendo em vista que os módulos acontecem em uma alternância mensal.

No decorrer do ano organiza-se a Semana de Vivência Universitária, na qual participam os(as) educandos(as) e tem como objetivo promover a participação dos jovens na dinâmica da UFV. Durante esta semana os jovens assistem aulas, visitam projetos, conhecem espaços, cursos e grupos da universidade, vivendo alguns dias com estudantes da UFV. Com estas vivências espera-se possibilitar uma maior compreensão do contexto universitário e a reflexão sobre as próprias perspectivas desses jovens (PROJETO PIBEX, 2012). Sobre a vivência vale ressaltar que por cumprir o caráter de “propiciar o vivenciar o cotidiano universitário”, para além de possibilitar de imediato a inserção dos(as) educandos(as) nesse espaço de conflitos que é a Academia e conhecer os vários projetos ligados ao Programa TEIA e outros projetos, a mesma possibilita, a partir da experiência vivida, que esses(as) melhor tomem suas decisões acerca da sua entrada ou não na universidade. Alguns/algumas estudantes, por exemplo, optam por não seguir esse caminho e permanecerem junto às suas comunidades, após vivenciarem a mesma.

Todavia, como uma experiência que “retira” os jovens de suas comunidades contribui para a permanência dos jovens no campo e para a melhoria da comunidade? Para responder tal questão, faz-se necessário entender o processo de [1] inclusão/inserção pelo qual passam os(as) educandos(as) que ingressam na universidade, especialmente aqueles que ingressam na UFV, [2] a questão da disputa pelo poder nos seus mais diversos âmbitos e [3] o paradigma de conhecimento no qual assenta a cosmovisão hegemônica.

Para este entendimento, em primeiro lugar é necessário compreender a parceria estabelecida entre o Tecendo Sonhos com o Programa de Extensão Universitária TEIA:

[o TEIA] Por um lado, auxilia no contato do jovem com a universidade, desconstruindo um distanciamento que o impediria de tentar, e desenvolvendo sua capacidade para se inserir na universidade. Por outro, apoia o aluno imediatamente após sua entrada na universidade, seja pelos laços constituídos, que reduz o estranhamento em torno deste espaço e o insere em um contexto de atividades nas quais os alunos já têm alguma experiência, legitimando assim, seus saberes. (LOURES, 2011, p. 13).

O TEIA, que entre outros princípios, baseia-se, sobretudo no da Agroecologia, dá continuidade ao processo, permitindo práticas que a estrutura tradicional do modelo de ensino vigente não contempla.⁵ Tais práticas assentam-se, sobretudo na lógica da autonomia (FREIRE, 1978; 1996) e da ecologia de saberes (SANTOS, 2006).

Santos (2006) nos proporciona elementos fundamentais para pensarmos os dois outros pontos. Como dito anteriormente os(as) agricultores(as) eram e ainda são estereotipados(as) pela sociedade, como fracos(as) e atrasados(as), ou seja, são produzidos(as) como *não-existência*⁶.

Partindo do pressuposto de que o que não existe é, na verdade, construído ativamente como tal, Santos (2006) propõe-nos um procedimento, que ele nomeou por *sociologia das ausências* e *sociologia das emergências*, que proporciona a ampliação do mundo e dilatação do presente. Nessa sua sociologia a ecologia de saberes é que deve ser evidenciada em detrimento da monocultura do saber e do rigor científico:

[...] a lógica da monocultura do saber e do rigor científicos, tem de ser questionada pela identificação de outros saberes e de outros critérios de rigor que operam credivelmente em contextos e práticas sociais declarados não-existentes pela razão metonímica. Essa credibilidade contextual deve ser considerada suficiente para que o saber em causa tenha legitimidade para participar de debates epistemológicos com outros saberes, nomeadamente com o saber científico. A ideia central da sociologia das ausências neste domínio é que não

⁵ Sobre a inserção dos jovens advindos do Tecendo Sonhos que ingressam na UFV, há de se fazer uma nota: não são todos que se envolvem com as práticas descritas acima, ou seja, nem todos passam a integrar o ambiente Teia – o que evidencia o próprio aspecto da autonomia e da escolha de cada sujeito.

⁶ Santos aponta cinco formas sociais de não existência produzidas ou legitimadas pela *razão metonímica* [razão obcecada pela ideia de totalidade sob a forma da ordem, sendo o todo, na verdade, uma das partes transformada em termo de referência para as demais; uma compreensão ocidental do mundo]: o ignorante, o residual, o inferior, o local e o improdutivo.

há ignorância em geral nem saber em geral. Toda a ignorância é ignorante de um certo saber e todo o saber é a superação de uma ignorância particular. (...) a sociologia das ausências visa substituir a monocultura do saber científico por uma ecologia de saberes (SANTOS, 2006, p.790).

Para a efetivação de tal expansão do domínio das experiências sociais disponíveis e possíveis o autor propõe o trabalho de tradução⁷, procedimento que possibilita a criação de inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, o mesmo procura captar dois momentos: a relação hegemônica entre as experiências e o que nestas está para além dessa relação. Sendo assim, o que não existia passa a existir e a ser colocado como experiência disponível e possível para o debate sobre o (des)envolvimento.

O cursinho popular de Espera Feliz ao trabalhar com metodologias de educação popular visa justamente o processo de inclusão social, baseando-se nesse trabalho de tradução, que ressignifica o que antes gerava falta de perspectivas – o pertencer a uma experiência (o ambiente rural, voltado para a agricultura familiar) que não era legitimada pela cosmovisão hegemônica, ou seja, que era produzido como não-existente. O TEIA dá continuidade a esse trabalho. O retorno para a comunidade, portanto, do(a) educando(a), que não necessariamente é “factual”, parte dessa legitimidade que emerge. Surge dessa relação um engajamento, um desejo pela organização para a mudança, participação nas decisões. O sujeito emancipado vê-se como sujeito responsável pela própria história e pela história da própria comunidade.

O Tecendo Sonhos ao incluir estudantes com poucas possibilidades de acesso ao ensino superior dá-lhes autonomia, promove a qualificação profissional, com sua inserção ou não no curso superior. Esta qualificação irá permitir novas modalidades de geração de trabalho e renda junto a sua comunidade a partir da construção de novas relações e formas de (des)envolvimento do campo, baseados nos princípios da agroecologia, sobretudo, no tocante a autonomia, organização para a mudança e participação nas decisões.

⁷ Santos fala de dois tipos de tradução, a *tradução entre saberes* que consiste no trabalho de interpretação entre duas ou mais culturas com vista a identificar preocupações que assumem formas idênticas entre elas e as diferentes respostas que fornecem para elas, e; a *tradução entre práticas sociais e seus agentes* que visa criar inteligibilidade recíproca entre formas de organização e entre objetivos de ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, a construção de um cursinho popular representa mais uma possibilidade de envolvimento dos(as) jovens e reafirmação da importância e a possibilidade, mas não a obrigatoriedade, destes(as) permanecerem no meio rural – através da ressignificação do mesmo, que lhe garante legitimidade frente ao discurso gerador da não existência –, fazendo um movimento contrário à tendência de evasão verificada na juventude do campo hoje. E vai além. A educação e, em especial, a educação do campo é um instrumento de luta na efetivação de uma nova realidade. A inserção destes(as) jovens na universidade possibilita a ampliação dos espaços desses(as) jovens e comunidades rurais, que passaram a estabelecer um maior diálogo com outros espaços de saberes e construção de conhecimentos, buscando, sempre, a valorização do espaço e dos saberes rurais em diálogo com os saberes do espaço urbano e acadêmico e consequente busca pela construção de novas relações e formas de (des)envolvimento do campo, baseados nos princípios da agroecologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Paulo César Gomes; LOPES, Leandro de Souza. Curso pré-vestibular popular de jovens do campo: tecendo sonhos. **Cadernos de agroecologia**, Fortaleza, n. 2, p.1-3, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/ojs2/index.php/cad/article/view/11194>>. Acesso em: 06 dez. 2013.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DO BRASIL. PNUD, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, 220p.

_____. **Extensão ou comunicação?**. Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a à Prática Educativa**.-São Paulo: Paz e Terra. 1996, 92p.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. DE S.. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 67-79.

LOURES, Marcelo et. al. **Programa de Extensão Teia/UFV: Formação universitária para uma ecologia de saberes.** Viçosa: 2011.

PEREIRA, Thiago Ingrassia et. al. A luta pela democratização do acesso ao ensino superior: o caso dos cursinhos populares. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, n. 1, p. 86-96, jan/jun. 2010. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rep/article/view/2029>>. Acesso em: 06 dez. 2013.

PROJETO PIBEX. **Cursinho Pré-Enem de Educação Popular do Campo em Espera Feliz – MG.** Viçosa: 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Universidade do Século XXI.** São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p.777-821.

CADERNOS
C I M E A C